

**35º Encontro Anual da Anpocs**  
**Caxambu, 24 a 28 de outubro de 2011**  
**GT 33 – Sobre periferias: novos conflitos no espaço público**

A caridade da Igreja Universal:  
disputas, adaptações e articulações no espaço público<sup>1</sup>

Nina Rosas (doutoranda UFMG)  
[rosasnina@gmail.com](mailto:rosasnina@gmail.com)

Teorizações sobre práticas sociais religiosamente motivadas são embates envolvendo amplas discussões que vão desde a formação/nomeação de um terceiro setor na sociedade brasileira a elucubrações a respeito de associativismos recentes, articulação de sujeitos em redes, trajetórias públicas acionando questões sobre cidadania, espaço, inclusão, pobreza etc. Apesar de todo esse emaranhado de possibilidades de análise das incursões do religioso em “assistencialismos” diversos, e porque não de intencionalidades religiosas às quais as militâncias sociais se abrem, o presente texto está focado no âmbito de uma instituição religiosa, a saber, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) no que tange à possibilidade de compreensão de inflexões oriundas dos percursos diversos trilhados por líderes religiosos e fiéis em práticas sociais.

Para tanto, pressuponho certo assentamento (falacioso) das questões envolvendo o campo próprio das políticas sociais; afinal o destrinchamento de tais controvérsias configuraria uma discussão para além dos fins deste trabalho. Com vistas a acentuar o cenário caritativo da IURD, visa-se apresentar alguns dos desdobramentos da filantropia<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no XV Congresso da SBS, realizado em Curitiba, de 26 a 29 de julho de 2011.

<sup>2</sup> Para tratar do tema da beneficência é preciso chamar atenção para a complexidade das categorias desse campo (ver Landim, 1998; Burity s/d e 2007). Apesar de distinções fundamentais, uma superposição de sentidos é observada quase unanimemente na Igreja Universal quanto ao uso dos termos assistência, obras, trabalhos e responsabilidade social, com exceção da parceria entre ABADS e *Ressoar* (que será especificada ao longo do texto). Em função disso e eminentemente como recurso de escrita, as palavras caridade, assistencialismo, filantropia, bem como as expressões supracitadas, serão empregadas sem mensurar diferenças qualitativas substanciais, salvo quando mencionadas.

Tal fato não implica num desconhecimento ou descuido terminológico, mas se justifica ainda em função de dois motivos principais: primeiro, porque um dos mais comuns projetos regionais que atualmente organiza as práticas sociais da IURD (o *A Gente da Comunidade*) funciona como um grande

desta Igreja por meio da análise das organizações regionais de sua prática social, tanto a partir da exposição do posicionamento político de alguns nomes destacáveis da liderança eclesial, quanto relatando o modo de orientação e produção de assistência no que tange a ações caritativas realizadas pelos indivíduos em “ministérios”<sup>3</sup> da Igreja.

As observações realizadas tanto durante o trabalho de campo em Minas Gerais quanto a partir de coleta de dados secundários leva à pontuação de que as obras sociais realizadas pela Universal funcionam como um mecanismo mediador da relação entre uma massa de fiéis empobrecidos em busca de prosperidade e líderes religiosos envolvidos em disputas políticas por posições de destaque no espaço público, visando pôr em evidência o sucesso de suas iniciativas pessoais. Como se verá, a filantropia dos Iurdianos busca legitimar a imagem da Igreja no cenário das alternativas religiosas nacionais e transnacionais, conciliando estratégias de enraizamento e proselitismo com diversas demandas e expectativas dos crentes. Por outro lado, quando as ações sociais são caracterizadas por certa desarticulação e incipiência, como observado no estado de Minas, ficam evidentes consequências não intencionais de tal caridade, configurando um repertório de práticas autogeridas e não replicadas que propiciam e estruturam um mecanismo de trânsito intraeclesial.

Apontando para facetas outrora pouco esmiuçadas a respeito das ações sociais da Igreja Universal, espera-se contribuir com mais um modo de interpretar as práticas religiosas no contexto de ampla discussão da publicização da religião, das imbricações entre militância social, noções comunitárias, associativismos e ações (des) politizadas. Privilegia-se, assim, uma perspectivação das análises correntes, focando o modo como as

---

“bolsão” que abriga tanto ações em prol da cidadania e responsabilidade social, quanto os “assistencialismos emergenciais”, que incluem distribuição de cestas básicas, sopas, agasalhos, entre outros; abarcando ainda nesse mesmo projeto, cursos profissionalizantes, de idiomas e de alfabetização, sem contudo evocar ou se valer de distinções terminológicas. Segundo, porque interpreto que noções como a de “caridade” e “assistencialismo” são largamente assumidas como pejorativas e compo uma prática emergente já ultrapassada, e assim, lança-se mão de modo nem sempre discriminado de termos mais recentes sem que isso necessariamente seja decorrente de uma reflexão dos agentes religiosos envolvidos.

Não obstante, excetua-se o uso regular e tático de tais noções por parte de políticos, diretores de associações, conselheiros tutelares e profissionais da assistência inseridos na ação social Iurdiana. O público leigo, entretanto, incluindo pastores, além da maioria dos voluntários e recebedores rebocados nas práticas sociais religiosas, desconhece tais diferenciações.

<sup>3</sup> Aqui faço alusão a um termo frequentemente usado no meio evangélico para designar atividades diversas feitas por clivagens de aptidão mas sendo todas cooperadoras da obra de Deus. Exemplos de trabalhos ministeriais: louvor, evangelismo, educação dominical, educação infantil, trabalho de libertação, acolhimento de novos convertidos, ação social etc.

motivações dos agentes religiosos voluntários nem sempre são conscientemente articuladas.

Para os fins dessa comunicação, dividi as principais considerações em duas partes: na descrição das obras de maior relevância que acontecem principalmente no eixo Rio de Janeiro – Rio Grande do Sul e posteriormente na apresentação da prática fraterna dos Universais em Minas, dando destaque para dois aspectos dessa expressão de caridade: a dinâmica das lutas “internas” como uma extensão da guerra contra o diabo e o reforço da perspectiva da Teologia da Prosperidade<sup>4</sup>.

### *Os Iurdianos assistentes*

Dentre as igrejas evangélicas do Brasil, a Universal é consideravelmente a instituição religiosa que mais suscitou trabalhos acadêmicos, artigos, teses, dissertações e outros. Fundada em 1977 no Rio de Janeiro, no seu trigésimo quarto aniversário, a IURD já tem muitas de suas características bem compreendidas pelos pesquisadores da religião. Ela se gaba de seu empreendedorismo construtor de grandes templos que ostentam a fidelidade de seu Deus e autopromove-se por seu alcance mundial de perdidos e carentes, dizendo-se mais representativa quer a maior rede de *fast food* do mundo. Mas, a título de consideração analítica, se levado em conta os principais pilares que sustentam as crenças e ritos dessa Igreja, a saber, a pregação da Teologia da Prosperidade, a ênfase nas práticas exorcistas, a flexibilização de usos e costumes de santidade; e o modo empresarial de sua atuação política e social (Almeida, 2009; Lima, 2007; Mariano, 2004 e 2005; Oro, 2001 e 2003; Semán, 2001, entre muitos outros); a inserção no campo das ações sociais propriamente talvez seja o eixo que menos moveu o interesse dos estudiosos desse fenômeno.

Com maioria dos frequentadores de culto sendo não brancos e de escolaridade e renda menor que a média da população brasileira (Almeida e Montero, 2001), a Universal possui uma ampla membresia de necessitados e marginalizados, reunindo tais indivíduos em torno de pastores e bispos, deixando evidente o forte laço vertical entre uma massa carente e a figura carismática de um líder religioso (Almeida, 2004). Nesse

---

<sup>4</sup> Se olharmos para a Igreja Universal com o prisma das obras sociais mineiras, algumas de suas características (como sua gestão empreendedora, a autopromoção midiática e certo discurso proselitista “universal”) serão vistas pelo avesso. Além disso, nem todas as tendências apontadas por Burity (2007) a partir de ampla investigação e análise se comprovam no caso da ação social da IURD. Tais considerações ficarão mais evidentes ao longo da abordagem proposta nesse artigo.

sentido, um dos intermediadores dessa relação é o conjunto de práticas sociais fomentadas pela Igreja. Apesar da existência de trabalhos relevantes publicados até o ano de 2007 mencionando a ação social da IURD (Machado, 2003; Montero, 2006; Novaes, 2007; Torres, 2007<sup>5</sup>), que analisavam principalmente a entidade de utilidade pública criada pela Universal – a *Associação Beneficente Cristã (ABC)*, as considerações realizadas neste texto se referem justamente à rearticulação da ação social após o fechamento dessa organização, apresentando assim dados ainda pouco analisados no meio acadêmico.

A ABC teve suas unidades regionais desativadas ao longo dos anos 2008/2009. É curioso que uma das maiores entidades sociais de identidade evangélica não ecumênica – algo menos comum tendo em vista inúmeras outras associações como a Visão Mundial, a RENAS (Rede Evangélica Nacional de Assistência Social), a Diaconia, a CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviço) etc. (Souza, 2011) – tenha sido fechada<sup>6</sup> e as menções sobre ela não serem mais encontradas em nenhuma das mídias digitais da Igreja, além de muitos líderes se recusarem a falar sobre a não continuidade desta entidade pública. A data do fechamento da ABC coincide em parte com as acusações de formação de quadrilha e lavagem de dinheiro, sofridas por alguns líderes da Universal em meados de 2009 (*idem*: 15); observações que podem levar à inferência de que a IURD ou já previa a investigação de parte de seus trâmites monetários, ou, rearticulou seu rol de repertório assistencialista em função do escândalo contemplado pelas diversas mídias.

---

<sup>5</sup> Três textos importantes que poderiam conectar a abordagem aqui proposta com análises já consolidadas sobre a Igreja Universal do Reino de Deus não foram abordados diretamente em função da dificuldade de acesso dos mesmos, por estarem esgotados em suas editoras e não serem encontrados em sebos e/ou bibliotecas às quais pude acessar ou por estarem indisponíveis para consulta. São eles: 1) ORO, P. e CORTEN, A. *A Igreja Universal do Reino de Deus: novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003; 2) CAMPOS, L. *Teatro, tempo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. São Paulo: Ed. Vozes, 1997; e 3) TORRES, Célia. “A trajetória da assistência na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD): configurações e significados – um olhar sobre a Associação Beneficente Cristã (ABC) do Rio de Janeiro”, tese de doutorado em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007. Entretanto, parte significativa do conteúdo de tais obras já foi amplamente divulgada e se encontra apropriada em outros textos que versam sobre a temática da IURD.

<sup>6</sup> Várias conjecturas podem ser levantadas para explicar o fechamento da Associação Beneficente Cristã. Apesar de não ser possível uma dedução com base em dados obtidos nos relatos dos membros da IURD, que se recusam, seja por falta de conhecimento ou de autorização, a justificar a desativação das unidades regionais, faz-se uma aposta em dois fatos relevantes: a rearticulação da ABC no Brasil pode ser decorrente da proeminência do *Instituto Ressoar*, possivelmente coincidindo com os escândalos de desvio de verba envolvendo líderes da IURD e da necessidade de rearticulação da dita associação. Em Minas, a ABC, ao menos segundo os relatos dos pastores, não se justapunha ou coordenava o *A Gente da Comunidade*, que é a instância local das práticas sociais. Uma aposta sobre a rearticulação da ABC no Brasil pode estar na proeminência do *Instituto Ressoar*, coincidindo ou não com a rearticulação das verbas que eram usadas para manter a dita associação.

Esse escândalo envolvia líderes que encabeçavam o outro grande trunfo do assistencialismo da Igreja, a parceria com a *Fundação Pestalozzi*, que desde o final de 2009 passou a ser entre a atual *Associação Brasileira de Assistência e Desenvolvimento Social* (ABADS, ex- *Pestalozzi*) e o *Instituto Ressoar* (braço social da Rede Record). Observa-se que, possivelmente em função das denúncias e da devolução de verba advinda dos parlamentares, a ABADS hoje ressalta seus balanços financeiros públicos, sua constante submissão a auditorias e seu empenho em ganhar títulos de reconhecimento e buscar parcerias defendendo o desenvolvimento sustentável e a inclusão (Rosas, 2011). E desse modo, a associação é apoiada pelo *Ressoar*, que desenvolve discussões sobre o terceiro setor, realiza ações culturais, de lazer, cursos profissionalizantes e de capacitação, além de eventos esporádicos em formato de mutirões solidários, diversificando ainda mais a proposta da *Pestalozzi*, que antes nem mesmo incorporava atendimentos e trabalhos orientados a pessoas autistas.

Assim, as justificativas que motivaram a criação da ABC no *boom* da década de 90 e do despertar e diversificar de ações sociais organizadas pela sociedade civil – de fazer concorrência com outras instituições de auxílio social, combater as críticas que a Igreja sofria por parte de grandes jornais e revistas, ser projetada como um modelo replicável, mediar o socorro divino e fortalecer a identidade da Igreja – passaram a suscitar outras práticas de caridade daí decorrentes<sup>7</sup>. Esse movimento no eixo da caridade (assistencialismo, filantropia, ação social) posiciona a IURD no espaço público possivelmente seguindo o grande rastro deixado pelo catolicismo, que cunhou ao longo do século XX inúmeras parcerias com o governo e alianças diversas em constante negociação quanto à promoção de bem-estar social. Mas a inserção da Universal neste cenário conforme se vê na constante evocação por parte das religiões situadas em contexto de interdependência mundial de temas de interesse “universal” (Pace, 1999) se dá com outros matizes, como o que chamo de paradigma carioca. Vejamos.

---

<sup>7</sup> Apesar de vez ou outra ainda ser possível encontrar menções sobre a existência e relevância da ABC fora do Brasil, como na Colômbia, na Argentina (representada pela entidade *T-Ayudo*), e em Angola (chamada de *Órgão Social da IURD*), as iniciativas dos políticos ligados à Universal, as atividades de cunho educacional e a emergência da valorização de ações voltadas apenas para membros da Igreja, além da incorporação ao menos parcial do linguajar do campo das políticas sociais (como as noções de responsabilidade social, inclusão, cidadania) é o que vem tomando conta do cenário Universal fraterno, configurando um caleidoscópio de opções de ajuda aos necessitados.

Mais uma das mudanças no escopo das ações sociais da IURD pode ser visto na opacidade do projeto *Jovem Nota 10*. O *Jovem Nota 10* começou no Rio de Janeiro em 2003 e foi implantado em várias Universais como sendo uma iniciativa do grupo Jovem da Igreja que visava oferecer suporte educacional, cursos pré-vestibular, de idiomas e profissionalizantes. O programa era ligado à *Associação Beneficente Cristã* e aparecia nos relatos da IURD em 2009 como uma das três frentes de maior relevância do trabalho social da Igreja. Atualmente, porém, essa iniciativa figura apenas como mais uma das realizadas pela Força Jovem Brasil, que pulveriza suas ações no auxílio a jovens através da internet, no combate ao uso de drogas, no incentivo à prática de esportes e na orientação de como obter documentos diversos (RG, CPF, título de eleitor etc.).

Seguindo as pegadas já tradicionais dos evangélicos de mesclar evangelismo e educação<sup>8</sup> (Conrado, 2006), os Universais ainda têm incentivado cursos de alfabetização (majoritariamente destinados a pessoas carentes), como em Angola, em Moçambique e em vários estados do Brasil, incluindo Minas Gerais. Essa reprodução poderia se tratar de uma tendência recente, mas desde 1994 o programa de alfabetização *Ler e Escrever* é reproduzido em várias localidades<sup>9</sup>. Além disso, faz-se uma ressalva importante: a de que os projetos educacionais, assim como várias outras iniciativas da IURD, não têm uma necessária vinculação um com o outro, podendo variar consideravelmente entre si mesmo quando possuem o mesmo nome. Ademais, eles não são decorrentes de uma crença particular da Igreja Universal a respeito de um modo ideal se fazer caridade mesmo estando sobre o controle de uma liderança fortemente hierarquizada e que concentra poder nas mãos de poucos<sup>10</sup>. Mesmo assim, ao que tudo indica, o *Jovem Nota 10* continua funcionando em várias igrejas do interior fluminense, mas tendo o impacto de

---

<sup>8</sup> De modo geral, os Iurdianos tem se alinhado às práticas correntes dos demais evangélicos (protestantes históricos), que depois de muito terem investido na criação de escolas e universidades, começaram a voltar suas preocupações para questões políticas e sociais, organizando para tanto eventos, comitês e instituições ecumênicas e paraeclesiásticas (Conrado, 2006).

<sup>9</sup> Há indícios de que seu início possa ser anterior ao ano de 1994.

<sup>10</sup> Contudo, a capacidade tática da IURD não pode ser subestimada. Apesar de haver ampla liberdade dos pastores auxiliares e de líderes locais no que tange à organização das obras de caridade, que são muitas vezes criadas a partir da leitura das contingências de cada região, há uma dimensão estratégica evidente mesmo que de pequeno alcance (contudo, excetua-se em certa medida o caso de Minas). Como se verá adiante, a atuação política dos líderes da Universal não é desconectada ou independente de alguma deliberação/organização; deste modo, minha interpretação é que há articulação em função do rumo que se intenta seguir no cenário público em cada momento. Desse modo, apesar de as obras sociais não serem um assunto de particular interesse de muitos dos Iurdianos, elas são um dos veículos que baliza o trânsito político, bem como a obtenção de resultados que se deseja alcançar.

sua atuação significativamente minimizado pela ação dos políticos que se elegem por meio da IURD.

O que sobressai no Brasil, portanto, especialmente no eixo Rio grande do Sul – Rio de Janeiro é a atuação dos políticos “levantados” pelo eleitorado da Igreja. Já é velho o uso do código da caridade a fim de localizar uma determinada religião e suas práticas entre a sociedade civil e o Estado. A IURD vem pesando a balança para o lado do binômio caridade/religião, deixando o da magia/feitiçaria (Montero, 2006) restrito às portas de seus grandes templos. Do lado de fora<sup>11</sup>, mostra-se engajada em revisar as noções de moral e ética na política (Oro, 2003), elegendo homens que se dizem “de caráter”, comprometidos com Deus, responsáveis, preocupados com valores como honestidade, justiça e transparência – presença pública bem aos moldes da incursão das religiões nos processos de “desprivatização” (Zepeda, 2010).

Na trajetória política, a IURD obteve a secretaria de Trabalho e Ação Social em 1994, aumentando sua base eleitoreira de maneira surpreendente e com isso elegendo mais representantes, dos quais o senador e bispo Marcelo Crivella (PRB-RJ) é uma das figuras de maior evidência. Crivella gaba-se da autoria do projeto *Fazenda Nova Cannã*, que é parte do *Projeto Nordeste*, ação de amplo alcance da IURD que visava tanto acudir pessoas vítimas de desastres naturais com ações de emergência (distribuição de água, agasalhos, alimentos não perecíveis), quanto suprir os indivíduos do interior da Bahia (Irecê) com uma fazenda autossustentável, que teria desde plantação de bens de subsistência e criação de animais e peixes, a uma escola para atender a crianças carentes e/ou cujos pais trabalhassem no projeto. Apesar de a dita fazenda ter sido alvo de críticas diversas, ela alavancou parcerias com grandes empreendedores, acentuando a disposição da IURD para a filantropia empresarial, e ainda pôs Crivella no circuito dos políticos comprometidos com os pobres e com o bem-estar social.

Apesar de não serem encontradas informações recentes sobre a continuidade das iniciativas que se davam na *Nova Canãa*, Crivella conseguiu angariar a simpatia dos fluminenses sem ter que se valer propriamente da identidade da IURD (Machado e Mariz, 2004). A partir dessa entrada, o senador propôs seu segundo projeto, o *Cimento*

---

<sup>11</sup> Fora do Brasil, a IURD sofisticou ainda mais a cara da oferta dos serviços mágico-religiosos, alterando, por exemplo, o nome que aparece nas fachadas, placas ou letreiros da Igreja (de *Igreja Universal do Reino de Deus* para *Centro de Ajuda Espiritual - CdAE e Help Centre*). Em Portugal (Swatowski, 2010) os horários de reuniões lembram atendimentos de consultórios médicos.

*Social*, por meio do qual seriam construídas e reformadas casas em morros e favelas arregimentando a mão de obra dos futuros beneficiados. E ainda seriam feitas redes de esgoto e criados centros comunitários e creches. Considerado o grande projeto eleitoreiro de Crivella, disputa lugar com as emendas que são relatadas pelo senador para arrecadar verbas para os municípios do Rio. Crivella em 2010 ainda defendeu a emenda *Ibsen Pinheiro*, se opondo à redistribuição dos *royalties* do petróleo e aproximando-se da Arquidiocese do Rio, a fim se posicionar (junto a católicos e espíritas) contra a descriminalização do aborto, a proibição do uso público de símbolos religioso e a criminalização da homofobia.

Concomitantemente, a vereadora Tânia Bastos, também do PRB do Rio, faz questão de ressaltar as boas obras praticadas pela Igreja Universal (ela entregou a medalha *Pedro Ernesto*<sup>12</sup> aos líderes da Força Jovem e ao presidente da Rede Record em 2010, em reconhecimento aos projetos culturais, sociais e espirituais por eles desenvolvidos). Já Crivella, ao mesmo tempo em que se vale de uma frágil memória quanto à trajetória das ações sociais da IURD, também diz que seu compromisso não é propriamente com a Igreja, pois esta não precisa de um senador, quem precisa é o estado do Rio<sup>13</sup>. Isto posto, tais práticas podem ser enxergadas como um pêndulo que se movimenta conforme as estratégias políticas correntes, as alianças firmadas e as represálias eventualmente sofridas pela Universal; ora afastando, ora aproximando as figuras públicas da postura radical e demonizante<sup>14</sup> da Igreja. Um modo de explicar a ação desses líderes públicos encabeçando ações de assistência seria compreender tais práticas localizando-as na relação caridade – contribuição – política, e enxergando os benefícios concedidos a pessoas carentes como uma forma de fomentar a participação da massa de fiéis na eleição de novos representantes. Assim, a Universal estaria “reembolsando” os indivíduos, mesmo que em pequena proporção, quanto aos generosos dízimos e ofertas doadas por eles.

Talvez justamente por isso, alegando o ideal de lutar pelos direitos dos desfavorecidos, diversos Iurdianos no país lancem suas candidaturas. Carlos Gomes (PRB-RS), por exemplo, é um dos líderes que atua como deputado e demonstra sua identidade religiosa, defendendo os pescadores, policiais, pagadores de pedágio,

---

<sup>12</sup> Medalha de honra que é concedida pela Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro.

<sup>13</sup> Fala da entrevista dada por Crivella ao Jornal Valor Econômico, publicada em 07/12/2010.

<sup>14</sup> Ver também Mariano, Hoff e Dantas, 2006, p. 67-68.



trabalhadores da reciclagem e outros grupos de “excluídos”. E tão qual Tânia Bastos, procura homenagear os grupos de trabalho social e evangelização da IURD, justificando que o Rio Grande precisa conhecer as benesses já há muito praticadas pela Universal<sup>15</sup>. Gomes promove grandes mutirões sociais e incentiva as doações de sangue, mas quando se trata de intolerância religiosa, critica qualquer postura discriminatória e preconceituosa e frisa a importância de manter a diversidade dos credos. Jerônimo Alves, por sua vez é outro figurão importante dentro da Igreja Universal e vem atuando na esfera pública em prol de pobres e marginalizados. Juntamente com o *Instituto Ressoar* organizou um projeto de construção de casas em Santa Catarina em 2008 e criou ainda iniciativas envolvendo educação e esporte e tentando parcerizar com o Ministério da Educação<sup>16</sup>.

Desse modo, as iniciativas de alguns dos líderes vinculados à IURD são o motivo pelo qual percebo o caso carioca como paradigmático para a ação da Universal na esfera pública, como um mecanismo mediador, que intermedia e intercede pelos pobres e oprimidos. Buscando não apenas concorrer com demais instâncias filantrópicas e de benefício social e rebater eventuais críticas e difamações sobre uso de dinheiro e enriquecimento pessoal dos líderes religiosos, as tentativas de cooperar com as diversas instâncias do governo e se adaptar a contingências locais são parte da estratégia mercadológica da Igreja, indo desde a tentativa de reversão da imagem rechaçada da Universal até a formatação de sua religiosidade como fé de exportação, evidente na implantação da IURD em países estrangeiros, como a África do Sul, a Angola, Portugal, entre outros.

Os Universais em missão fora do Brasil participam de campanhas contra doenças, de vacinações coletivas, distribuem alimentos, promovem a limpeza de cidades, auxiliam dependentes químicos e assim por diante. Tanto no exterior quanto no Brasil é comum ver os grupos da Igreja se unindo em prol de eventos de grande porte que contam com a presença de políticos engajados em trabalhos sociais. Essas figuras que participam da vida pública ajudam a manter nos templos uma série de atividades filantrópicas, criam projetos que beneficiam os necessitados e são capazes de mobilizar na Igreja um voluntariado para socorrer os ditos miseráveis. Esta mobilização acaba, em consequência

---

<sup>15</sup> Ver: <http://deputadocarlogomes.blogspot.com/2010/07/igreja-universal-do-reino-de-deus-sera.html>. Acesso em 30/06/2011.

<sup>16</sup> Ao que tudo indica, em Porto Alegre, por exemplo, uma forte atuação no âmbito social tem levado muitos líderes da IURD ao estabelecer vínculos com os conselhos tutelares.

do processo de fomentação intensa de um corpo de indivíduos engajados no empreendedorismo social, promovendo atividades das mais variadas voltadas ao atendimento do público converso, acentuando a prática voltada a membros da própria Igreja, que desenvolvem relações de mais proximidade com seus líderes, almejando também galgar posições de destaque (conf. Rosas, 2011).

Com isso, os Iurdianos agregam um vasto repertório de assistência, que vai desde a caridade emergencial e educacional (já há muito apropriada por católicos, espíritas e protestantes mais tradicionais) à articulação de discursos políticos, inserção no campo da prática social não religiosa, realização de parcerias diversas com ONGs, empresas, órgãos públicos etc. Mas todo esse emaranhando de recuperação de antigas práticas e criação de novas modalidades de ação social pretendendo instituir a IURD como instituição religiosa promotora dos direitos humanos, do bem-estar e “que pensa como Deus”, também é complementando com um caso exemplar que, *a la* Durkheim, vai além da soma da vontade pessoal dos agentes envolvidos e deixa em evidência suas consequências não antecipadas.

As obras sociais realizadas na Igreja Universal de Minas Gerais deslocam o exemplo mineiro do padrão de assistencialismo encabeçado por figuras públicas, visto nos demais estados. O modo como o assistencialismo é praticado neste estado é trazido à discussão evidenciando outro lado das ações sociais Iurdianas: práticas incipientes, pouco articuladas, de precária organização, gerenciada pelos próprios membros, pouco articulada com figuras públicas e que, assim, não se configuram como um modelo replicável. Ao contrário do que ocorre no eixo Rio de Janeiro – Rio Grande do Sul, em Minas o conjunto de benefícios é realizado a membros selecionados e raramente conta com mutirões sociais, ilustrando uma relação díspar da perspectiva da guerra e sendo mais um modo de reforçar a Teologia da Prosperidade.

#### *O jeito mineiro de fugir à regra*

O estado de Minas é um dos “bastiões” do catolicismo no Brasil (Antoniuzzi, 2006) o que supostamente pode ser uma das explicações para o fato de por aqui o pentecostalismo recente “custar a pegar”. Na região metropolitana de Belo Horizonte, onde poderia ser encontrado um maior número de adeptos da Universal em função de a capital e seu entorno serem uma região de grande número de evangélicos, apenas 4,9 %

de indivíduos se declaram pertencentes à IURD<sup>17</sup>, o que poderia fazer supor que a prática social estaria estreitamente ligada a um proselitismo enfático na busca por novos membros ou com vistas a fazer frente às iniciativas filantrópicas religiosas e/ou leigas. Mas o que de fato se percebe é uma ação social restrita e não necessariamente motivada por ideais de evangelização; a assistência mineira seleciona alguns dos membros da Igreja para participar de poucas atividades que são oferecidas.

Observei os Universais cerca de um ano. É interessante notar que em Belo Horizonte toda a filantropia realizada ocorre em um único local situado imediatamente ao lado da Catedral. Trata-se de uma casa em estilo antigo, algo comum na região nobre do bairro de Lourdes, onde está situada. A casa possui três andares, cerca de 250 m<sup>2</sup> e ampla garagem com vaga para seis carros. O espaço é a sede do trabalho de evangelização do estado e nele situa-se o programa *A Gente da Comunidade* (AGC). A casa é de fato mais conhecida como “Casa Rosa”, em função da cor da pintura de sua fachada. Juntamente com as aulas de informática, inglês, cabeleireiro e artesanato, essa sede abriga a assistência social, um projeto de saúde bem rudimentar e o auxílio jurídico (que ocupam o andar mais extenso). Nos demais, está a organização do trabalho carcerário, além da organização dos uniformes de obreiros e das camisas de campanhas.

Ser a sede da evangelização implica apenas a organização burocrática de alguns documentos, formulários e arquivos. Os pastores e os evangelistas não tem autonomia para gerenciar projetos proselitistas inovadores. Também não se percebe uma relação estreita entre as ações de caridade e a preocupação com a salvação da alma dos perdidos, salvo o fato de que qualquer carente é direcionado à Igreja para a participação nos cultos, que tem uma importância central aos olhos desses crentes no que tange ao processo de libertação. Só assim o indivíduo realmente pode se relacionar com seu Deus, aos moldes da fé abraônica.

---

<sup>17</sup> Esse dado é proveniente de uma pesquisa realizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte em 2008. Algumas das considerações foram apresentadas por Alexandre Antônio Cardoso em mesa redonda realizada na UFMG em 15 de março de 2011. Os achados mostram que os evangélicos da capital mineira e de seu entorno eram 27,1%; sendo 28,2% de batistas, seguidos de membros da igreja do Evangelho Quadrangular (10,4%), da Assembleia de Deus (8,4%), da Universal (4,9%) e da Deus é Amor (4,0%). Apesar da resistência do catolicismo no estado mineiro (Tavares e Camurça, 2006), segundo o *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*, os pentecostais ainda assim arrebanhariam mais de 20% da população ao longo do Vale do Rio Doce, compreendendo os municípios de Ipatinga, Coronel Fabriciano, Timóteo, entre outros; entretanto com ressalvas à mensagem da Universal propriamente, que não ganha espaço entre essas populações (Jacob et.al, 2003).

Nos relatos dos voluntários do AGC, há pistas de que a relação entre evangelismo e assistência era mais forte, porém, atualmente, os voluntários propriamente da caridade não veem relevância em vincular ou divulgar as obras sociais através do trabalho de evangelismo<sup>18</sup>. O que se sabe é que trabalhos de emergência já foram realizados, como o de distribuição de sopas e visitas a hospitais, asilos e casas de abrigo a mulheres vítimas de violência. Contudo, eles praticamente não existem mais e não há pessoas que consigam relatar sem parcimônia o processo de proeminência ou diminuição dessas ações. A antiga assistência emergente então poderia ser lida como decorrente de orientações evangelísticas nacionais, ou como fruto da liberdade local dos líderes religiosos. Poderia ser ainda uma artimanha para sufocar denúncias sofridas, ou fazer parte da primeira grande etapa de implantação de uma IURD em busca por maiores adesões. Porém, no que tange ao cenário mineiro, essas obras já não são mais diretamente controladas ou formatadas como um padrão reproduzível e desejoso para outras regiões; não consolidam o papel social da Universal, nem tampouco atraem pessoas por ser tratarem de empenhos “politicamente corretos”.

Seria possível imaginar ainda que o *A Gente da Comunidade* seria uma espécie de substituto da *Associação Benéfica Cristã*, pois é o “modelo” regional que mais pode ser encontrado nas Universais. Mas não. O AGC não é um gestor de práticas sociais aos moldes jurídicos da ABC, não é uma entidade filantrópica propriamente, não possui o mesmo intuito de ser mediador dos pobres, não se oferece como instituição filantrópica apta a fazer associação com outras organizações leigas ou paraeclesiais ou a receber verbas parlamentares. Talvez seja melhor considerá-lo apenas um ministério<sup>19</sup>, pois varia consideravelmente de um estado para outro, abrigoando ações sociais muito distintas. Em João Pessoa, por exemplo, o *A Gente da Comunidade* está separado das iniciativas

---

<sup>18</sup> Vê-se que em Minas Gerais, as articulações entre os grupos ocorrem apenas quando o destino de itens recebidos por acaso (de parcerias eventuais) precisa ser improvisado. Os membros do AGC não valorizam a evangelização por meio de ações sociais. Em 2009, eles receberam algumas doações de cestas básicas. Colocando-as em uma sala da casa que ficava ociosa, acumularam uma quantidade no final do ano que não tinha para quem ser distribuída, em função de essa não ser uma prática comum entre eles. Para liberar o espaço e endereçar o material, os voluntários da assistência social pediram auxílio ao grupo de evangelistas para levantar um cadastramento de pessoas carentes em comunidades da periferia de BH. Desse modo, organizaram um evento denominado *Jornada para um Natal Feliz* e distribuíram aos indivíduos selecionados cestas básicas juntamente com um presente infantil e um peru congelado, obtidos apenas em número idêntico ao das cestas que haviam sido recebidas. Após esse evento, o cadastro dos carentes foi deixado de lado, e o ônibus que buscava cerca de quinze pessoas que ainda se interessavam em frequentar a IURD (o que poderia ser até entendido como uma iniciativa proselitista) pouquíssimas vezes contava com voluntários que o acompanhasse, pois os Agentes não consideravam essa uma atividade prestigiosa.

<sup>19</sup>

educacionais, os voluntários se preocupam apenas com a distribuição de sopas, agasalhos e alimentos a pessoas de rua. Por isso também prefiro compreender os trabalhos da IURD (seja o *A Gente da Comunidade*, a *Associação de Mulheres Cristãs*, o centros destinados ao cuidado de crianças, os programas *Ler e Escrever*, as irmandades *Sisterhood*, os CdAE) como rubricas sob as quais são desenvolvidas atividades diversas, não necessariamente vinculadas umas às outras; muitas inclusive criadas apenas por meio de pesquisa dos pastores na internet e com ampla margem de liberdade que leva em conta as demandas locais e o *feedback* dos agentes, dando assim nova configuração a cada trabalho. Por isso, é preciso notar as especificidades, como as do caso mineiro, com vistas a compreender o que elas informam sobre a filantropia Iurdiana.

Falando de mais uma peculiaridade, a IURD de Minas não faz mutirões, não sai para o lado de fora. No Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e em outras regiões (Nordeste e Centro-Oeste), ainda que por meio da participação de líderes na política, destacam-se ações sociais de grande porte, como mutirões esporádicos que reúnem várias instâncias de assistência: apoio médico e odontológico, emissão de documentos, atividades de lazer, espaço de orações, distribuição de alimentos etc.; além de trabalhos voltados a vítimas de desastres naturais, iniciativas de doações de sangue, criação de dias de solidariedade etc. Mas as obras minerais são voltadas para pessoas de dentro da Igreja<sup>20</sup>, apesar de muitos deles desconhecem o trabalho social que a IURD realiza, pois a divulgação dos mesmos não acontece no púlpito.

Daí já se conclui que não é a motivação proselitista que sustenta essa caridade. A ação de políticos dando suporte é notavelmente tímida. Se acaso eles estão presentes com doações diversas e intermediando consultas, cirurgias, obtenção de vagas de emprego (entre outras coisas), a identidade dos mesmos está quase sempre oculta. Durante o período da pesquisa, o único contato de um político local com os membros da Igreja que pude observar foi uma palestra proferida pelo deputado estadual Gilberto Abramo (PRB-MG) aos Iurdianos da Força Jovem e a mediação de verba parlamentar de vinte mil reais destinados pela Secretaria do Desenvolvimento Social do Estado de Minas Gerais à

---

<sup>20</sup> A única atividade periódica e de grande relevância entre os Iurdianos mineiros que é realizada fora do espaço da Igreja é a assistência aos presidiários. Entretanto, o contato com os voluntários dessa frente de trabalho não me foi permitida porque eles alegaram que o acesso era restrito aos homens.

Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) em Sapucaí-MG. Mas o que sustenta a continuidade das obras em Minas não são apenas ações isoladas como essa<sup>21</sup>.

O que predomina são iniciativas desenvolvidas e destinadas aos frequentadores dos cultos que tenham baixa escolaridade e renda, e que simultaneamente sejam selecionados com rigor através da indicação de obreiros e pastores, ou por meio da divulgação de vagas que ainda não tenham sido preenchidas nos cursos ofertados. A relação estabelecida é de uma determinada “exigência de probidade” (que lembram um pouco as seitas protestantes observadas por Weber nos Estados Unidos no início do século XX). Do indivíduo é requerida não apenas a frequência constante nos cultos (forma por meio da qual os pastores e obreiros podem conhecê-lo e indicá-lo ao trabalho social), como a participação frequente nas campanhas, na disponibilidade em doar, no batismo nas águas, na experiência com o Espírito Santo, e posteriormente, na frequência no curso/assistência que pleiteou.

Tal inserção no âmbito Universal se distancia um pouco da relação dos flutuantes clientes/consumidores de bens e serviços ofertados pela IURD. Os mais engajados frequentam mais de um culto por dia, se oferecem para ocupar cargos na Igreja (como o de obreiro), enfim, acabam por aderir ao “jeito de ser Universal”, jeito de falar, de pensar, de agir, dividindo tudo o que existe no mundo através do binômio perfeito bem/mal e compreendendo a vida como uma das dimensões do constante conflito espiritual que existe e rege todas as coisas.

Há, entretanto, em decorrência dessa seleção, certo paradoxo quanto às vagas. Os voluntários justificam que a triagem dos carentes decorre do fato de não ser possível atender a todo o contingente de pessoas que chegaria à “Casa Rosa” caso todos os cursos e demais modalidades de assistência fossem divulgados. Mas como são impostas restrições substanciais aos necessitados, sobram muitas vagas a serem preenchidas. E vez ou outra os pastores e coordenadores dos cursos precisam recorrer a meios mais incisivos de divulgação, como a distribuição de panfletos na porta da Igreja e as tentativas de convencer o bispo a divulgar nos cultos as ofertas de cursos e atividades sociais

---

<sup>21</sup> É possível que outras inserções de políticos no campo da assistência social mineira tenham ocorrido e eu não as tenha conseguido observar. Mas como participei de todas as reuniões envolvendo os vários voluntários da “Casa Rosa” durante o período de agosto de 2009 a julho de 2010 e não ouvi menção nem mesmo dessas duas que descrevi (só pude encontrar esses relatos no site do deputado), se tais práticas ocorrem, elas diferem do caso carioca, goiano e rio-grandense, pois não têm a mesma visibilidade e repercussão entre os membros ou entre o público não religioso.

propostas. Um exemplo interessante é a seleção dos carentes no que tange ao trabalho de “encaminhamento” ou “assistência social”, que informa os indivíduos sobre o fornecimento de medicamentos do SUS, doa pequenas quantidades de material escolar e cestas básicas, auxilia na procura por emprego, na busca por internações, intervenções cirúrgicas etc. Os voluntários desse projeto tem um índice tão alto de “desacertos” (pessoas que desistem de receber os benefícios concedidos) que acabam cruzando os dados que possuem na ficha dos cadastrados com os relatos de obreiros e evangelistas e selecionando um número ínfimo de assistidos. Eles procuram checar se aquela pessoa é conhecida e se leva a sério as coisas de Deus, pois consideram que a maior parte dos problemas não pode ser resolvida por meio da ação humana, “tem a ver com problemas espirituais”. A caridade, então, pouca utilidade tem senão a de fazer o Agente se orgulhar da própria motivação de servir a Deus através da ação dirigida ao próximo.

Dando um passo para trás, a Teologia da Prosperidade, tal qual posta em prática pelos Universais, poderia ser pensada também como mais um entrave para o exercício de atividades fraternas, uma vez que põe o acento no circuito de reciprocidade entre os fiéis e a divindade, chamando para o jogo justamente os atos de doação de dinheiro – ariscados pelos carentes como passos de fé. Nesse sentido, se Deus restitui o que o diabo rouba, manter um assistencialismo regular poderia, conforme muito se criticou sobre a Igreja Católica (Burdick, 1998), promover e manter a apatia dos pobres. Mas esse raciocínio não se aplica à IURD, que consegue conciliar facilmente a Teologia da Prosperidade com um assistencialismo recorrente, na medida em que, por meio dele, faz muito proselitismo, reboca um eleitorado significativo, compete com outras instituições filantrópicas<sup>22</sup> e visa desbancar as árduas insinuações de desvio de verba e formação de patrimônio particular, direcionadas a líderes como Macedo.

Mas se um dos corolários da Teologia da Prosperidade não é o descaso em relação à caridade, tampouco os motivos acima listados podem explicar a continuidade das ações em Minas. Assistindo um grupo seleta, a caridade mineira é uma espécie de período de espera entre as lutas contra o inferno e o dia tão almejado em que serão chegadas as bênçãos de Deus. Elas são um reforço, mesmo que direcionado a um pequeno grupo, da concepção teológica de que o Deus fiel à Universal, o mesmo que

---

<sup>22</sup> Uma das maiores organizações em relação a qual a IURD queria se posicionar era a Visão Nacional de Evangelização (VINDE), reconhecida como instituição filantrópica em 1984, responsável por grandes iniciativas evangelísticas e campanhas de cunho social.

selecionou o povo judeu para a terra “que emana leite e mel”, provê bênçãos ainda hoje a seus filhos, basta que eles se arisquem por meio da fé.

Apesar da valoração da poupança por parte dos fiéis (por exemplo, para aquisição da casa própria) e da alocação dos recursos em função da mudança de hábitos de vida (Mesquita, 2007), pessoas com baixíssimo rendimento econômico, característica do perfil dos necessitados (de grande parte dos fiéis da IURD), não são, no geral, instruídas e ensinadas a manter hábitos que os possa fazer adquirir prosperidade por conta própria<sup>23</sup>. Mais importante do que ensinar o modo correto de gestão financeira e administração pessoal ao carente, a postura que os voluntários da ação social endossam nos alunos é a do inconformismo com a vida, da revolta, do incômodo com os infortúnios que os diabos podem gerar. Uma fé “arrojada” de que Deus vai trazer à existência algo que é impossível e que visa incitar Deus a entregar a benção por meio da ação do crente de “tomar posse”. Essa perspectiva está por trás de todos os ensinamentos que ocorrem na “Casa Rosa”, sendo o que perpassa a própria medida de qualificação dos agentes que compõem o corpo de voluntários.

Enfim, funcionar como um reforço à Teologia da Prosperidade é um dos atributos que deita raiz na constituição e manutenção da caridade da Igreja Universal do Reino de Deus e Minas – e pode servir como possibilidade explicativa para as obras de outras regiões. Tal afirmação se reveste do fato de as obras mineiras serem muito desorganizadas se comparadas a de outras localidades e até instituições, que facilmente fornecem informações sobre seu modo de atuação. Na “Casa Rosa” nem o pastor coordenador tem claramente um entendimento sobre as obras sociais que são organizadas ali. Os próprios voluntários do AGC também não conhecem todas as frentes de ação social, o que é possível esperar por parte de uma Igreja que não divulga aos seus “membros” periodicamente todas as práticas que abriga em si. Além disso, o corpo de voluntários que participa das obras sociais é informal. Apenas uma pessoa das menos de cinquenta que compõem o conjunto de professores/voluntários do AGC possui formação

---

<sup>23</sup> Parte da literatura acadêmica vem mostrando como a valorização do consumo no ideário da IURD incita os fiéis dessa Igreja a tomarem decisões e lutarem por seu sucesso pessoal (Lima, 2007; Mesquita, 2007). Mas, mesmo que a Igreja “ensine” através dos cultos aos empresários (Nação 318) e por meio dos testemunhos de superação e sucesso, no que tange ao conjunto de valores transmitidos por meio das obras sociais, todas as vitórias são sempre atribuídas ao passo de fé e risco e não à boa administração dos recursos e dos negócios feita pelo indivíduo. O que a seleção dos carentes gera, “perversamente”, contudo, é um *ethos* empreendedor disciplinado, uma disposição para ação e engajamento que retorna na maior parte das vezes em esforço por diferenciação pessoal no meio da Igreja.



profissional de assistência. Apesar dessa falta de articulação, fica bem evidente que a retórica inconfundível e bem presente sobre quem eles são enquanto filhos de Deus e o que o Espírito Santo pode fazer por eles, é muito mais relevante.

Completando o quadro, a Universal emite aos assistidos um certificado simbólico (sem validação do MEC) para os frequentadores dos cursos. Os carentes podem se sentir desestimulados em consequência da descontinuidade do auxílio dado pelo AGC, que afinal, não encaminha os alunos a vagas de emprego, estágios ou escolas após a conclusão das atividades. Se eles querem procurar por emprego, devem tomar a iniciativa, para que “não se desenvolva uma relação de serventia, já que a própria assistência é gratuita” (fala do pastor coordenador). Definitivamente, a IURD não está tão acostumada a doar. Isso se percebe também pela dificuldade que existe na obtenção dos materiais para a continuidade dos cursos. Eles advêm de “apadrinhamento”, mas os benfeitores doam quantidades irrisórias de cadernos, colas, papéis, apostilas, escovas de cabelo, entre outros, e a periodicidade de tais doações não é determinada. Muitos dos voluntários que trabalham nas frentes de assistência também fazem doações para garantir a continuidade dos cursos. Vez ou outra sobejam itens provenientes dos programas de outros estados, como de São Paulo, e Minas entra na fila dos recebedores dessa “desova”. Mas a falta de ligação entre os diversos programas faz com que até mesmo esses repasses aconteçam raramente. Não há relato de haver uma quantia regular de dinheiro vinda da administração da IURD (sabe-se que seu caixa é centralizado) para a manutenção das obras de caridade; salvo as contas da casa e o salário do pastor coordenador, que obviamente são despesas fixas, mas gerenciadas pelo departamento de recursos humanos da Igreja.

Tal incipiência<sup>24</sup> são qualidades definidoras da assistência Iurdiana, evidentes na comparação das práticas fraternas com a estrutura empresarial das ações de propaganda, da divulgação das campanhas, da mobilização dos fiéis (quer pela internet, televisão ou outros meios de comunicação), da padronização dos templos, dos cultos, dos uniformes. Mas, mediante tal improvisado, o conjunto de atividades sociais em Minas há que se escorar em outros alicerces. Minha aposta, se de um lado está no fato de apesar de mal

---

<sup>24</sup> Muitos dos trabalhos desenvolvidos pelo AGC consistem apenas na divulgação de informações e benefícios, sendo a maior parte deles garantidos pelo Estado a qualquer cidadão, mas que não são do conhecimento dos carentes, como: os locais e itens necessários para a confecção de documentos, prazos estabelecidos pelo SUS para cirurgia (relativos à gravidade das doenças), modos de obtenção de auxílio previdenciário, dicas de como se comportar em juízo, de como obter divórcio, pensão e outros.

articuladas, as obras serem relevantes para reforçar as certezas teológicas sobre a intervenção divina e o sucesso certo na vida dos crentes (mesmo que longínquo ou utópico); por outro está na sustentação no âmbito das aspirações pessoais dos próprios voluntários envolvidos, de diferenciações internas e disputas que os fazem transitar na rígida hierarquia eclesiástica. Vejamos.

A perspectiva do conflito está presente em toda a cosmologia da IURD, transmutando-se em um idioma local que é o da competição. Na verdade, o imaginário de lutas espirituais apareceu desde o surgimento da Igreja Universal no cenário das alternativas de crenças brasileiras, quando essa Igreja veio confirmando sua identidade a partir da oposição com o catolicismo e com as expressões de fé afro-brasileiras. A caridade, então, emerge nesse e desse cenário e se configura como um campo de disputas cujas lutas, a exemplo das travadas nos cultos, também são permanentes e as vitórias temporárias. Em Minas, a filantropia se desdobrou em ações variadas que retratam essa dinâmica das guerras, fazendo com que as diversas rubricas que a IURD dispõem para por em prática as obras sociais sejam vivenciadas como possibilidades de galgar um espaço distinto e obter reconhecimento por parte dos que já são líderes e ocupam níveis hierárquicos mais altos.

Como a “Casa Rosa” é um lugar de acesso restrito, adentrar esse espaço pode propiciar uma diferenciação positiva, pois os voluntários recebem treinamentos, participam de reuniões específicas, aproximam-se da liderança pastoral (e episcopal) e se tornam mais conhecidos. Porém, o AGC de Minas pode também servir de reduto, abrigando líderes de menor carisma, como o próprio pastor coordenador do AGC de Minas, que anteriormente ocupava o púlpito de uma grande Igreja em bairro periférico, e ao que tudo indica, não obteve lá muito sucesso. Esse tipo de diferenciação negativa também foi observado em relação a alguns pastores auxiliares que “perambulavam” pela Casa por não terem atividades a desempenhar no espaço da Igreja. Eles acessam bate-papos e sites de relacionamento e eram extremamente criticados entre os próprios voluntários. Cheguei observar ainda que alguns jovens se dispunham a dar suporte fazendo a triagem dos carentes na secretaria. Mas aproveitavam essa oportunidade para também acessar a internet para uso pessoal. Então, quando apareciam pessoas que pudessem substituir esses jovens (alguns inclusive eram voluntários que estavam acumulando mais de uma atividade no AGC), eles saíam estigmatizados por não terem se

comportado de modo comprometido na tarefa. Enfim, seja para subir ou descer de posição, a caridade mineira é uma via de passagem bem dizer obrigatória, que permite ao fiel desenvolver um determinado papel que o insira, o faça destacar e prosseguir com o exercício da fé.

Uma primeira forma de ser reconhecido no âmbito da assistência é por meio do status que o voluntário usufrui a partir da mobilização ou evocação de relações estabelecidas com advogados, médicos, enfermeiros, professores, agentes filantrópicos, pessoas de maior prestígio social e/ou instrução; mesmo que o contato não seja importante para a parte não-Iurdiana. Esse contato não significa a criação de um projeto ou parceria, mas possibilita ao fiel lançar mão de sua rede de relações para se por em evidência. A segunda forma é sugerindo projetos que mesmo que não se tornem intermitentes, se forem ao menos iniciados, já conferem prestígio ao autor da ideia. Outra maneira de se destacar, esta bem comum não só entre os voluntários como aos próprios alunos dos cursos oferecidos pelo AGC, é a apresentação de uma disponibilidade constante e de certo ativismo em relação a pequenas tarefas ou a participação em cargos da Igreja. Os Universais se empenham numa disciplina constante<sup>25</sup>, se oferecendo para tirar xerox de atividades, confeccionar cartazes, colocar papel higiênico nos banheiros, guardar materiais, arrumar o armário de documentos, atender ao telefone da secretaria, atuar como obreiro, participar de evangelismos e vigílias etc. Os Iurdianos fazem isso competindo arduamente, visando serem solicitados a fazer uma dessas tarefas no lugar de outro que esteja menos atento e participante. Afinal, na IURD um crente não sabe apenas expulsar demônios em cultos e participar de campanhas e propósitos, ele acaba aprendendo também a banir de seu caminho tudo que o possa impedi-lo de ascender e alcançar sua vitória.

Caminhos entre os grupos e posições de maior ou menor proeminência são difíceis de serem compreendidos por um *outsider*. Mas entre eles, essas nuances são claras, e a fim de atingir as posições desejadas eles incorporam a dinâmica da guerra, tanto em relação à divindade (pois lutam com ela em prol da benção) quanto no que tange aos irmãos da própria fé, pois muitos deles se tornam inimigos potenciais quando o assunto são os cargos e as funções eclesiais. Apesar de um pastor da IURD ter sua formação considerada completa em tempo bem inferior aos evangélicos de modo geral,

---

<sup>25</sup> Rosas, 2011, p. 109.

sua carreira pode ser meteórica tal qual foi sua preparação. Nesse sentido, a passagem pelas obras sociais pode muni-lo de elementos que reforçam sua permanência e ascensão, lógica também válida para obreiros, outros voluntários e até carentes que, devido ao engajamento, comprovam sua “integridade” e responsabilidade.

Em função disso, na IURD algumas tarefas são fortemente disputadas. Reunir individualmente com o pastor coordenador das obras sociais, por exemplo, é um privilégio concedido apenas aos coordenadores de cada curso ou projeto, pois facilita que o voluntário se torne mais conhecido por outros líderes, seja mencionado como uma referência de comportamento e compromisso com a IURD. Afinal, se de maneira ampla a Universal reúne uma massa quase amorfa, composta por indivíduos que não necessariamente se vinculam à Igreja, mas são vorazes consumidores de seus serviços religiosos, por outro, ela sabe bem com quem pode contar, e cria para os interessados em partilhar de sua identidade, mecanismos que confirmam status e gerem diferenciações mais ou menos prestigiosas, que estimulem assim a participação, as doações e o fervor espiritual.

Desse modo, os voluntários do AGC de Minas interpretam que evangelizar está muito além de encher a Igreja com pessoas que de fato não queiram se vincular verdadeiramente. As vias de evangelização não carregam o fardo de prestar assistência nenhuma aos necessitados, e tais quais esses, aos Agentes também não é atribuída a obrigatoriedade de aumentar a adesão religiosa se valendo de práticas caritativas. Enfim, se outros métodos de alcançar os “perdidos” são ou não suficientes para atrair pessoas para a Universal, essa tarefa está longe de ser – apesar de agregar certo status – algo compartilhado por todos. Resta então na motivação dos crentes Iurdianos a vontade de ajudar o próximo, que leio como um modo de ajudar a si, de obter reconhecimento e evidência.

Apesar de os Universais de Minas reproduzirem os mesmos rituais de libertação e exorcismo típico dessa Igreja, eles os estendem também à limpeza de suas consciências, ao livramento dos dramas psicológicos, à reinserção social e ao sucesso em relação ao próprio irmão, remodelando noções como as de cura, vitória, superação, ganhos e prosperidade. A Igreja Universal, que sustenta seu discurso teológico a partir dos raros e estereotipados testemunhos de transformação de vida, também enraíza sua crença por meio das mudanças, de nível micro, experimentadas por seus fiéis. Assim, se um

discurso agressivo e megalômico não “encaixar”, há uma série de pequenas variações no eixo da vivência cotidiana que podem ser usadas como atestações da verdade Universal, permitindo até mesmo pequenos reveses e “recaídas”.

Enfim, as obras sociais de Minas demonstram a consonância entre caridade e Teologia da Prosperidade, pois funcionam, mesmo que a conta-gotas, reinserindo membros no ciclo de oferendas, fé/risco e bênçãos da IURD. Servem como uma espécie de “amostra-grátis” daquilo que Deus é capaz de proporcionar a seus filhos e aproximam alguns dos carentes de uma liderança que parece estar caindo em si e percebendo que, os fluxos religiosos ou as conversões, muitas vezes estão localizados no eixo comunitário-emocional (Hervieu-Léger, 2008), suscitando modalidades de contato para além de grandes eventos de multidões. Tais relações filantrópicas também são extensões da guerra espiritual, da competição, das batalhas e das intensas pugnas que os circundam.

#### *À guisa de conclusão*

Tal qual visto, figuras como Crivella, Carlos Gomes, Jerônimo Alves e a Tânia Bastos representam um movimento ora de distanciamento da imagem estereotipada da Igreja Universal, ora de deixar em evidência como a Igreja é promotora de boas obras de sucesso. Atrelada à caridade dessas figuras, a ação social da IURD está recentemente ligada ao *Instituto Ressoar*, ressaltando a ênfase nos valores de cidadania, solidariedade, sustentabilidade e consumo consciente, temas antes não tão presentes na agenda desta Igreja. Através da imagem da Rede Record de televisão, a Universal se distancia, em certa medida, de ser rotulada como instituição religiosa praticante apenas de um assistencialismo tradicional e emergente, como feito por católicos e kardecistas. Evocando uma dimensão solidária mais atualizada, ela continua a rebocar seu eleitorado, mas por meio de líderes que revisitam estrategicamente as noções de moral e ética entre as relações das esferas da fé e da política.

Fora do Brasil, a IURD segue as mesmas táticas, legitimando-se como religiosidade promotora de conscientização popular, auxílio a mulheres, crianças pobres e jovens com doenças e sem expectativa de trabalho. Através tanto de mutirões sociais quanto da constituição de fraternidades que visam integrar os carentes e as lideranças da Igreja, a Universal se destaca a fim de ser absorvida na cultura local, se autoctonizando na medida em que, via uma inteligente leitura das contingências e das conjecturas que

enfrenta, tanto em perspectiva individual quanto estrutural, vai se reformulando e modelando suas ações a fim de se apresentar como uma alternativa de fé validada e reconhecida (Oro, 2004; Swatowski, 2010).

No caso de Minas Gerais, o observado não corresponde à tendência das ações filantrópicas nacional e transnacional. No estado mineiro, a ligação entre os carentes e a ação de políticos no espaço público não é forte; as práticas são poucas e mal organizadas, não há uma rotina de mutirões que visem aumentar a credibilidade da IURD ou atingir um grande contingente de possíveis novos fiéis. Com poucos cursos e assistências oferecidas, é difícil entrar na lista dos ajudados dessa Universal. Nesse estado onde predomina o *A Gente da Comunidade*, a nova articulação da assistência é pautada na fragilidade e nos improvisos tendo as práticas sociais moldadas a partir do *feedback* dos agentes, e culminando num mecanismo eficiente de trânsito intraeclesial, em que predominam as disputas religiosas por diferenciação, destaque e *status*.

Apesar da proeminência do *A Gente da Comunidade* e de outras formas de organização da assistência na IURD, mais evidentes em função do fechamento das unidades brasileiras da ABC, não há um discurso último e fechado sobre o que pensam esses fiéis a respeito da caridade ou de como ela deve ser posta em prática. Não há tradição no percurso dessas benesses, quando muito, uma memória (às vezes fraca por parte dos fiéis) ou um repertório que pode ser mobilizado conforme conveniência. Até que ponto as obras sociais funcionam como antídotos a essas fragilidades, endossando as crenças pregadas e garantindo a fidelidade dos fiéis? Não se pode determinar.

Com a lente das obras sociais de Minas, pode-se ver certa inversão de algumas relevantes características da IURD<sup>26</sup>. Enquanto em geral se observa a presença de uma clientela flutuante, a caridade mineira é seleta, restringindo a participação dos fiéis nas obras sociais, exigindo um “atestado de probidade”. Se há o intenso uso de meios de comunicação de massa para promoção dos cultos e ritos da Igreja, tais mecanismos não atraem os assistentes do AGC/MG, que sequer saem às ruas para distribuir alimentos, sopas, agasalhos. Nem mesmo querem evangelizar, o que é aparentemente um

---

<sup>26</sup> Por outro lado, as obras mineiras endossam outros valores caros à Universal: capacidade de adaptação e observação das contingências da localidade em que a Igreja se insere, e o estabelecimento de parcerias com instâncias governamentais diversas. Apesar de no caso de Minas o envolvimento dos políticos ser quase invisível, nada impede que ele seja intensificado e reforçado se isso soar profícuo ou necessário.

contrassenso quando se trata de uma das Igrejas de maior responsabilidade no que tange ao crescimento avassalador dos pentecostais no meio evangélico<sup>27</sup>.

Não obstante, por meio da análise da caridade, o empreendedorismo gerencial da IURD se desloca do eixo da multiplicação de templos, do discurso padrão e do esmerado calendário de atividades para a disciplina e empenho dos que se dedicam ao serviço da Igreja (seus modos de sacrifício), reunindo grande disposição ao trabalho e dedicação. Acessando as práticas filantrópicas, vê-se por trás das motivações do amor ao próximo, um “efeito perverso”: a dinâmica da guerra contra o diabo desdobrando-se e expandindo as noções de prosperidade para vitórias das mais diversas, incluindo o sucesso sobre os irmãos da própria fé, permitindo que se avance rumo ao topo da carreira. Afinal, “é a fé agida que faz o merecedor”<sup>28</sup>.

É no cenário de tendências da inserção social religiosa, bem postulado por Burity (2007), de uma pluralidade de organizações não católicas, de conexões com a lógica das ações em rede, de abertura ecumênica mesmo por parte da assistência prosélita, de ampliação do atendimento material e de “onguização” parcerizada com intuições locais e transacionais, que se insere a Igreja Universal. Entretanto, o que se vê nela é um grande repertório de atividades organizadas por diferentes rubricas, pouco coordenadas e até confusas, mas de ampla serventia quando o assunto é o sucesso religioso.

#### Referências:

ALMEIDA, Ronaldo de. *A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2009.

\_\_\_\_\_. “Religião na metrópole paulista”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ano 19, vol.56, outubro de 2004, p. 15-27.

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTERO, Paula. “Trânsito religioso no Brasil”, *São Paulo em Perspectiva*, vol.15, n.3, julho a setembro de 2001, p. 92-100.

ANTONIAZZI, Alberto. *Porque o panorama religioso no Brasil mudou tanto?* São Paulo: Paulus, 2006.

---

<sup>27</sup> Ver mais da relevância da Universal nesse trato em Mariano, 2004.

<sup>28</sup> Fonte: Modelo do verdadeiro merecedor, produzido pelo bispo Renato Cardoso. <http://www.bispomacedo.com.br/tag/fe/page/2>. Acessado em 30/06/2011.

BURDICK, John. *Procurando Deus no Brasil: a Igreja Católica progressista no Brasil na arena das religiões urbanas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1998.

BURITY, Joanildo. “Redes sociais e o lugar da religião no enfrentamento de situações de pobreza: um acercamento preliminar”. Biblioteca Virtual, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales CLACSO, s/d, acessado em 15 de agosto de 2011.

\_\_\_\_\_. “Organizações religiosas e ações sociais: entre as políticas públicas e a sociedade civil”, *Revista Antropológicas*, ano 11, vol.18 (2), 2007, p. 7-48.

CONRADO, Flávio César dos Santos. *Religião e cultura cívica: um estudo sobre modalidades, oposições e complementariedades presentes nas ações sociais evangélicas no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, tese de doutorado, julho de 2006.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

JACOB, Cesar Romero (et.al). *Atlas da Filiação religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

LANDIM, Leilah (org). *Ações sociais em sociedade: militância, caridade, assistência etc*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1998.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. “ “Trabalho”, “mudança de vida” e “prosperidade” entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus”, *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 27, (1), 2007, p. 132-155.

MACHADO, Maria das Dores; MARIZ, Cecília Loreto. “Conflitos religiosos na arena política: o caso do Rio de Janeiro”, *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 6, n. 6, outubro de 2004, p.31-49.

MARIANO, Ricardo. “Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal”. *Estudos Avançados*, São Paulo, 18, 52, setembro de 2004, p. 121-138.

\_\_\_\_\_. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Loyola, 2005, segunda edição.

MARIANO, Ricardo; HOFF, Marcio; DANTAS, Toty Y. S. “Evangélicos sanguessugas, presidenciáveis e candidatos gaúchos: a disputa pelo voto dos grupos religiosos”, *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 7, n. 10, julho a dezembro de 2006, p. 65-78.

MESQUITA, Wania Amélia Belchior. “Um pé no reino e outro no mundo: consumo e lazer entre pentecostais”, *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, julho/dezembro de 2007, p. 117-144.

MONTERO, Paula. “Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil”, *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, 74, março de 2006, p. 47-65.



NOVAES, Regina. “Hábitos de doar: motivações pessoais e as múltiplas versões do “espírito da dádiva” ” in: BRITO, M; Melo, M. *Hábitos de doar e captar recursos no Brasil*. São Paulo: Peirópolis, 2007.

ORO, Ari Pedro. “A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 18, n. 53, outubro de 2003, p. 53-69.

\_\_\_\_\_. “Neopentecostalismo, dinheiro e magia”, *ILHA*, Florianópolis, vol.3, n.1, novembro de 2001, p. 71-85.

PACE, Enzo. “Religião e Globalização” in ORO, Ari Pedro & STEIL, Carlos Alberto (orgs.). *Globalização e Religião*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

ROSAS, Nina. Representações e desdobramentos da caridade da Igreja Universal do Reino de Deus. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, dissertação de mestrado, 2011.

SEMÁN, Pablo. “A Igreja Universal do Reino de Deus: um ator e as suas costuras da sociedade brasileira contemporânea”, *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 2, n.3, setembro de 2001, p. 87-97.

SCHELIGA, Eva Lenita. Educando sentidos, orientando uma práxis: etnografia das práticas assistenciais de evangélicos brasileiros. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, tese de doutorado, 2010.

SOUZA, André Ricardo de. “Abrangência e controvérsia do terceiro setor cristão”, trabalho apresentado no XV Congresso Brasileiro de Sociologia, GT Religião e Modernidade, 2011, p.1-20.

SWATOWISKI, Cláudia Wolff. “A Igreja Universal em Portugal: tentativas de superação de um estigma”, *Intratextos*, Rio de Janeiro, número Especial 01, 2010, p. 169-192.

TAVARES, Fátima R. G.; CAMURÇA, Marcelo Ayres. “Religião, família e imaginário entre a juventude de Minas Gerais”, *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 8, n.8, outubro de 2006, p.99-119.

ZEPEDA, José Jesús Legorreta. “Secularização ou ressacralização? O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 25, n. 73, junho de 2010, p. 129-141.